



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Senhoras e Senhores,

Ao chegar hoje aqui, a esta região tão querida, do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais, ao sair dos Confins para descer aqui, em Ouro Branco, ao lado de Conselheiro Lafaiete, eu me recordava de algumas décadas atrás, 1954. Foi a primeira vez em que vim a esta região.

Vim para Ouro Preto, para fazer uma pesquisa. Uma pesquisa sobre as confrarias religiosas, Dom Luciano. Sobre a ascensão social dos negros de Minas através das confrarias religiosas em Ouro Preto. Vim com a minha mulher, a Ruth, com Gilda de Mello e Souza, ilustre socióloga, casada com o ilustre mineiro, Antônio Cândido de Mello e Souza.

Éramos jovens, eu tinha 23 anos. Assistente da Gilda, na época, eu trabalhando com a Gilda. Eu me emocionei ao chegar a Ouro Preto. De Belo Horizonte a Ouro Preto então, nós, que não tínhamos recursos, fomos de ônibus por estrada de terra. Levava-se um tempo enorme. Creio que passamos 40 dias em Ouro Preto. Inesquecíveis. Descobrimos em cada arquivo documentos preciosos, documentos dos inconfidentes, os pensamentos que lá estavam, em cada confraria

uma imensa riqueza documental. E Ouro Preto era uma cidade mágica. Já havia o listel projetado pelo Niemeyer, mas havia poucas coisas diferentes da Ouro Preto mais tradicional. E, como sociólogos que somos, preocupou-nos o destino daquela riqueza documental.

Voltando a Belo Horizonte, estivemos com o senhor Salomão de Vasconcellos, que era um ilustre historiador, e estivemos conversando sobre a conservação desse material.

Agora, chego aqui, a Minas. Primeiro, Belo Horizonte, uma Belo Horizonte extraordinária, que desbordou da Belo Horizonte histórica, subiu o morro, desceu o morro, num contínuo imenso, branco, visto de cima. E com uma pujança que era inimaginável nos anos 50. Também com muita favela. E graças a muito esforço dos que lá habitam e com alguma mão do Plano Real, são favelas que começam a ser hoje de tijolos e não mais de madeira. Mas, ainda assim muita favela.

Depois se anda por esse Quadrilátero Ferrífero, e há mineração por todos os lados. Já há algum respeito à ecologia e já se vê o verde outra vez. E, quando se chega aqui, a Ouro Branco, quando se desce aqui na Açominas, o coração explode de alegria. Fui ver, levado pelo Ricco Vicente, pelo Gerdau, pelos demais companheiros, lá de cima, esse espetáculo imponente. E me lembrei imediatamente: Ah, meu Deus, há 50 anos isso aqui era só vontade que fosse assim, vontade sonhada já por Arthur Bernardes, mas era apenas um desejo, embora já existisse.

Hoje, Minas Gerais reproduz com maior velocidade o que aconteceu em São Paulo no passado. Uma transformação extraordinária. Quantas vezes venho a Minas – e cada vez que venho a Minas, e venho com emoção, com entusiasmo e com amor –, e encontro uma fábrica renovada – não vou citá-las, algumas são concorrentes. Mais fábricas renovadas. Por todos os lados em Minas Gerais, se se vai ao Sul de Minas, se vai a Varginha, Pouso Alegre, se se vai para o lado do Triângulo Mineiro, aí não são só fábricas, é uma pecuária pujante, mas são fábricas também. E já em termos de uma nova geração de indústria. De indústria e alta tecnologia, também de *software* e indústrias altamente sofisticadas e logísticas. Se se vai para Juiz de Fora, meu Deus, lá está a Mercedes para fazer par, aqui em Betim, com a Fiat.

Em toda parte, em Minas, em toda parte sentimos uma revolução, um renascimento de Minas Gerais. Isso é fruto do que foi dito pelo Dr. Gerdaui aqui, do mineiro, do trabalhador, da trabalhadora, da paciência, do homem que se acostumou à tolerância, do homem generoso, do homem que perdoa. Esse é o verdadeiro mineiro. O mineiro que comove, o mineiro que não guarda rancor, o mineiro que olha o futuro e vê o crescimento de Minas Gerais e sabe que o crescimento de Minas Gerais é o crescimento do Brasil.

E ao escutar, agora, ao chegar aqui, o Hino Nacional, pela banda de música do nosso Exército, senti uma emoção imensa. E senti que ela freuiu, do mesmo jeito que todas as bandas de música de Minas Gerais, da Polícia Militar, da imensa quantidade de bandas que há em Minas, que, ao tocar o Hino do Brasil, sentiu que o Brasil é um só, mas que Minas é o coração do Brasil.

Hoje, ao assistirmos aqui a mais um passo, um passo importante no avanço da Açominas, no avanço da produção de aço no Brasil, da exportação brasileira, é um dia simbólico. É um dia simbólico para a Açominas, mas é um dia simbólico também para o Brasil. Porque este Brasil que está sendo construído, este Brasil, como aqui já foi dito, é um Brasil que, na segunda metade dos anos 90, depois do Plano Real, cresceu em investimento como nunca cresceu. E, hoje, estamos voltando a atingir a formação bruta de capital fixo acima de 20%, coisa que não se via há muito tempo.

Este é o Brasil que os brasileiros e as brasileiras estão plantando. Este é o Brasil dessas crianças que têm, cada vez mais, escolas. Que nas escolas têm, cada vez mais, a atenção das professoras, que cada vez mais se dedicam e que cada vez mais se aperfeiçoam. Este Brasil, que avança e avança numa construção nova, é um Brasil que, no dia de hoje, está dizendo a todos os brasileiros uma outra palavra muito importante para todos nós: é um Brasil que quer a paz, que diz um “não” à violência. E, por isso, estou de branco. E peço permissão a Dom Luciano para dar-lhe um abraço simbolizando a paz.

É, portanto, um dia de muita emoção. E quando o Luiz André Ricco Vicente aqui falou, quando, ao finalizar seu discurso, ele se referiu

aos trabalhadores daqui, os empregados daqui, a voz ficou embargada. E nós não temos que ter vergonha de ter a voz embargada, porque para construir uma usina como esta, há muito sacrifício, há muitas dificuldades. Posso avaliar que a usina que trato de construir é um pouquinho maior do que essa. Mas sei também o sacrifício que custa para construir um Brasil que seja um Brasil decente, seja um Brasil digno de ser vivido por seus filhos. É preciso muito esforço, muita perseverança, muita fé, muita convicção para seguir adiante no rumo.

E isso que se fez aqui é um exemplo para todos nós, brasileiros, um exemplo de que quando há perseverança, fé e rumo, alcança-se o que se deseja alcançar. Mas para alcançar isso, é preciso que haja também aqueles que se inspirem no plano maior, a construção das usinas. E eu quero lhes dar uma palavra de entusiasmo, de agradecimento a alguém que é – e vou usar uma expressão numa língua que foi dos ancestrais dele – que é um *unternehmer*, que é o Jorge Gerdau. *Unternehmer* quer dizer um empresário inovador, quer dizer alguém que tenha capacidade de ver mais longe. Não é alguém que apenas quer ganhar o dinheiro no mês seguinte, mas tem a capacidade de ver mais longe, de inovar, de construir.

E quando Gerdau nos pede reforma tributária, a minha resposta ele sabe que é essa, é uma só: nós vamos, sim, fazer a reforma tributária. Conto com o apoio do Congresso Nacional, aqui representado pelo seus Senadores, pelos seus Deputados, que são a expressão viva deste nosso país. Eles terão a capacidade de negociar os difíceis interesses contraditórios que se dão numa reforma tributária, mas vamos fazê-la, porque ela é essencial para que nós possamos seguir adiante neste caminho de reconstrução do Brasil e da reafirmação da nossa fé neste nosso grande país.

Portanto, quero deixar essa palavra de reconhecimento aos homens que têm essa visão, simbolizados pelo Doutor Gerdau. Quero também, e não poderia deixar de fazê-lo, agradecer a presença de tão importantes representantes de Minas Gerais na Câmara Federal, no Senado da República, Deputados Estaduais, Prefeitos desta região. Enfim, de todos aqueles que têm a sensibilidade para sentir que o Brasil está num momento que precisa de coesão.

Quero agradecer, também, a presença dos demais empresários, do Presidente da Firjan, que aqui se encontra. E, ao nominá-lo, nomino todos os demais empresários que aqui estão.

Quero dizer que tive a satisfação de me encontrar com o Presidente do Sindicato daqui, que aqui está presente também e, ao apertar-lhe a mão, espero ter transmitido meu entusiasmo pelos trabalhadores do Brasil, que têm nos ajudado na construção deste grande país.

Quero, finalmente, dizer que hoje estamos aqui para dar concretude a um sonho que foi de Arthur Bernardes, e há muito poucos dias anunciei ao Brasil que uma outra grande empresa, que é a Petrobras, ultrapassou a barreira de um milhão de barris de petróleo na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro. Já produzimos um milhão e trezentos mil barris. Nós temos já assegurado o financiamento, para mais quase 300 mil barris.

Se é verdade que a indústria naval do Rio de Janeiro vai renascer, com o nosso apoio – e vai renascer; se é verdade que nós estamos assistindo a um verdadeiro *boom*, no que diz respeito à telefonia no Brasil, e que nós estamos aumentando a exportação do Brasil não com produtos primários, mas com produtos manufaturados; se é verdade que nós, hoje, exportamos aviões como nunca fizemos; se é verdade, portanto, que temos um Brasil que se afiança como um Brasil industrializado, não é menos verdade que também nessas Minas Gerais, como em outros estados do Brasil, a produção agrícola aumenta. Se tudo é certo, é certo, também, que o importante não é cantar as loas daquilo que já fizemos, mas é aceitar o desafio do que nós ainda não fizemos.

E eu lanço um repto, aqui, a todos aqueles que trabalham na Açominas, desde os seus acionistas, seus diretores, até seus funcionários: vamos, sim, nos preparar para, nos próximos anos, com a reforma tributária, com a continuidade de governos honrados, com a crença no Brasil, fazermos mais um alto forno para podermos aumentar ainda mais a produção da Açominas.

Esse é o repto que deixo aqui. E, de minha parte, me comprometo, enquanto for Presidente, só olhar para o futuro do Brasil.

Muito obrigado.